

ASSIGNATURAS
CAPITAL
Semestre 4\$000
PRLO CORREIO
Anno 9\$000
Numero avulso 200 réis
Pagamento adiantado

SUL-AMERICANO

ORÇAM IMPARCIAL

REDACÇÃO
RUA TRAJANO, N. 10 B
A assignatura pôde começar
em qualquer dia, mas
acaba sempre em fim de
Março, Junho, Setembro ou
Dezembro.

PROPRIETARIO: FRANCISCO D'ASSIS COSTA

REDACTORES: DIVERSOS

PELA VERDADE

Estudar, investigar, arrancar do seio da natureza, descobrir no calice da flor; no mysterioso marulhar das ondas, no leito arenoso da crystallina corrente, na voz da tempestade, nas gottas de orvalho que salpicam as campinas, arrebatado, enfim, desse azulado espaço, semeado de estrellas, a verdade e a luz para as trevas que nos cercam e velam a magestade de Deus, deve ser a preocupação do homem no momento actual, em que o espirito humano, trabalhado já, e polido pela dor e pela experiencia, sente mais elevadas aspirações, mais puros ideaes.

E' preciso, pois, que cada um se liberte das pesadas e oppressoras correntes do dogmatismo, que por tantos seculos amesquinhou a idéa de Deus, abafou as irradiações do espirito, opprimiu tyrannicamente a consciencia.

Humanidade, tu já não és a creança de hontem que necessitava de guia para as cousas tendentes ao teu fôro intimo, mas o adulto de hoje, o homem feito, que deve por si mesmo, guiado pela luz clara da razão, procurar devassar as leis maravilhosas que o cercam.

Precisas te approximar de Deus, conhece-o, ama-o, pois que estas são as tendencias do teu espirito, esse o ancêio desconhecido que faz palpar o teu coração.

E não é, oh homem, oh meu irmão, deixando-se ainda ficar preso, enredado nessas malhas intrincadas das concepções de seitas que se immobilisaram para o progresso, que has de galgar a escada da perfectibilidade espiritual.

Vae, estuda por ti mesmo, arranca do seio gerador da natureza, desse prolifero e fecundo campo, o conhecimento da existencia de Deus. Assim edificarás a tua fé sobre a rocha firme, e não sobre a areia movediça que a mais branda enxurrada leva de roldão.

Deixa de lado as idéas de eternidade de penas com que mataram as tuas alvoradas de amor de Deus, substituindo-as pelo crepusculo do cahir da noite.

Não comprehendes que era preciso que o mal fosse eterno, como é o bem, para que existisse essa penalidade? Convence-te disto, de que o mal é um producto do atrazo do espirito, um accidente, por assim dizer, na escala de sua progressão moral.

Querer equiparar a lei divina á lei humana é desconhecer a immensa distancia, a origem diversa que as separa. Uma vem dos céos, a outra nasce dos paues da terra.

A lei humana ainda não achou meio de

regenerar o criminoso, e por isso sequestra-o da convivencia social. A lei divina, pelo contrario, contém em si mesma todos os elementos de rehabilitação, e é uma porta constantemente aberta á regeneração do delinquente, fornecendo-lhe com abundancia incentivos á sua elevação e purificação.

Perante os attributos infinitos de Deus, origem do bem e do bello, a creação das penas eternas é um crime. Rebaixa e nivela o Creador á creatura, fazendo-o participar dos sentimentos impuros que predominam nos seres atrazados.

A misericórdia do Pae Celestial é infinita, como Elle. Vêde a parábola do filho prodigo, e a resposta de Jesus aos discipulos sobre a difficuldade de salvação do rico.

Creança fundada sobre a errônea interpretação dos Evangelhos, não pode prevalecer diante da affirmativa de Jesus, de que nenhum dos que o Pae lhe confiára se perderia.

Deixae, pois, homens, essa concepção puramente humana, estuda e medita as paginas do código de amor legado pelo Filho de Deus, Jesus Christo, á humanidade; e lá encontrareis, sob o véo da letra, o principio da salvação eterna, inscripto em suas parábolas cheias de profunda sabedoria.

Eliminae, portanto, de vossas crenças esse pesado manto que vos opprime, e exalçae vossas frentes desannuveladas aos páramos de luz, recebendo de lá a suggestão da verdade, a intuição do bem, a magnetisação do olhar divino que vos influencia para a vida espiritual.

E agora ao terminar, lembro-vos que nos vossos proprios soffrimentos, na vossa dolorosa existencia terrena, está a consequencia ao vosso transviamento, a vossa transgressão ás leis de Deus. Essa pena, esses soffrimentos, porém, desaparecerão logo que voltardes ao caminho do bem, cumprindo todos os preceitos contidos nessas leis.

Meus irmãos, termino estas humildes considerações expondo-vos esta verdade: um só caminho conduz a Deus — a caridade.

J. S.

S. Francisco, Julho de 1901.

CONSORCIO

Na cidade de S. José, consorciou-se hontem o nosso amigo Alvaro Tolentino de Souza com a exma. joven D. Stellina Camara, filha do sr. coronel Francisco Xavier de Oliveira Camara.

Na vizinha cidade de S. José, realisa-se hoje a festa do Sagrado Coração de Jesus.

A Inglaterra e os Boers

A «Alliança dos sabios e dos philanthropos de todos os paizes para proteger, melhorar e moralisar a vida humana», sociedade fundada em 1892, acaba de expedir de Paris para toda a parte do mundo circulares em que pede a adhesão de todos aquelles que desejam a terminação da injusta guerra que a Inglaterra move ás duas heroicas republicas da Africa do Sul.

A formula da adhesão, que acompanha a circular, é a seguinte:

«Eu, infra-assignado, declaro adherir ao projecto da Alliança dos sabios e dos philanthropos de solicitar ao Ministro dos Negocios Estrangeiros que intervenha, de accordo com outras potencias, junto dos Ingleses e dos Boeres para conseguir d'elles que seja sem demora a sua contestação regulada pelo Tribunal de arbitragem que tem a sua séde em Haya.»

Esta formula com a assignatura, declaração da profissão ou qualidade, e endereço do adherente, deve ser dirigida a Mr. Fridon, secretário da Alliança, rue Saint-Lazare 100, Paris.

Todas as adhesões serão publicadas.

Oxalá que a philanthropica associação veja coroados os seus esforços do mais feliz resultado; que consiga fazer cessar essa tremenda luta, ateada pela ambição, e á qual até agora todas as nações têm assistido de braços cruzados!

Na capella de S. Sebastião, onde tem havido novenas desde o dia 23, realisar-se-ha, hoje, a festa de Sant'Anna, com missa solemne ás 10 horas.

RETRIBUIÇÃO

A MARIO

Procurando ao soffrer um lenitivo
que me traga ao espirito alguma calma,
um jardim, como tu, também cultivado,
oculto bem no centro de minh'alma.

Lá vicejam os suspiros delicados
nascidos ao redor do coração;
há goivos diferentes e dobrados
que constantes florescem em profusão.

Que saudades tão ternas e viçosas
eu tenho no jardim idolatrado!
nas petalas marcam datas venturosas
que fugiram nas azas do passado!

Mas a flor que cuidados mais merece,
que esparge em seu perfume o sentimento,
que não murcha e jamais desaparece,
— é a dhalla do reconhecimento.

Esta flor de pureza immaculada,
que os ingratos não podem cultivar,
colhi-a de meu pranto inda orvalhada
para aqui de bom grado te offertar.

SEMIAMIS.

SANTA CATHARINA

ILHA
(CONJECTURAS)

Ha mais: quem examinar attentamente os terrenos da Praia de Fôra, será forçado a reconhecer que toda essa planície, onde foram traçadas as ruas de S. Anna e S. Sebastião, foi outr'era dominio do mar, que vinha até a ribanceira, que separa o plano superior das chacaras do João Vieira Pamplona e Joaquim Martins Jaques e o da capella de S. Sebastião do d'aquellas ruas haahi seixos, buzios, conchas, ostras, em summa todas as manifestações de que era nesse barranco que iam deter-se as aguas do mar.

Com a abertura do Estreito, estas recuaram e a praia surgiu por algumas braças, umas cincoenta talvez.

Em 1862 — e muita gente ainda se lembrará disto — assistiu a exercicios de artilharia, feitos nessa praia, pelo então major Hermes da Fonseca.

As peças do contingente, que commandava, eram collocadas em frente ao terreno baldio, que foi depois do fallecido inspector da Alfandega, João Augusto Fagundes de Mello; o alvo ficava ao fundo da mesma praia, junto as pedras do João de Freitas.

Nessa praia, quando, depois de ventos continuados do sul, o maré faz vasante, proximo à casa de A. R. Garcia, vêem-se ainda surgir das areias topos de paos, vestigio das carreiras, que ali se armaram para o lançamento ao mar de barcos construidos no lugar, e com effeito em mais de um ponto da Praia de Fôra esse fabrico se operou.

Pois bem, desde alguns annos que, com qualquer preamar regular, a passagem pela praia é quasi impossivel.

Em 1881, ha vinte annos, escrevi um artigo para o *Jornal do Commercio* da terra, concitando a Camara Municipal a fazer levantar o plano de um caes, que borlasse toda a Praia de Fôra, de sorte que a esse plano houvessem de cingir-se os proprietarios, que quizessem edificar ou reparar seus predios.

Os fins eram manifestos: de par com o embelezamento do lugar, provia-se a segurança das propriedades, ao mesmo passo que se garantia ao publico o transitio pela praia; o que de outra forma se viria a perder em epocha bem proxima, desde que a maré não esteja baixa.

E quem sabe si esta circumstancia não se estará realisando já!

A força da corrente nas proximidades do Estreito é espantosa; faz vertigens a quem a estiver apreciando do morro, em que termina a rua da Republica, ou de qualquer dos Cemiterios, que lhe ficam a cavalleiro: as aguas disparam ahi com a velocidade de uma bala.

Devia ser cousa interessante o estudo da formação desta corrente até o ponto definitivo, em que se acha.

Ampla, muito ampla, a Barra do Norte, por ella enfiam-se na preamar as aguas do Oceano: percorrem a bahia, a que serve; comprimem-se medonhamente para transporem o Estreito; penetram na bahia do sul e só vão deter-se pela altura das Tapitingas, ilhotas que ficam no meio desta bahia, onde esbarram com a nova corrente, que entra pela barra do Sul.

Ao engolhar-se no Estreito, a corrente, que vem do Norte, bipante-se, seguindo o grosso pelo canal afôra, que traz bem excavado; o ramo menor declina a esquerda e passa em frente a cidade, para onde arrasta boa parte das areias, que traz em suspensão, e que li vão, em concorrência com os detritos de toda a sorte, entulhar o porto e augmentar a praia; contôrnia todo o litoral, indo depositar o resto das areias, que conduz, na coroa existente em frente à cidade.

Out'ora, quando o autor destas linhas estava na infancia, essa coroa só era avistada na baixa-mar; hoje com quaesquer marés, excepção feita das de equinocio, ella é perfeitamente visivel acima das aguas.

Ah! C'roa formada de alvas areias!! Um dia tu terás que constituir uma terceira ponta de Cayacanga, ainda que com sacrificio do porto, muito comprometido já; bastará dizer que o ancoradouro da cidade está reduzido ao canal, por onde dispara a corrente, de maneira que si tivéssemos no porto uma ou duas duzias de vapores, elles se achariam fundeados em linha, como uma esquadra em ordem de batalha.

Ah! Com que prazer eu tornei a vêr a minha bella ilha de Santa Catharina!

1901.

R. J.

PRIMAVERAS

Fazem annos hoje o dr. Rodolpho Garnier e o pequeno Alfredo, filho do nosso amigo Alfredo Juvenal da Silva.

Acha-se nesta capital o sr. major Aranha Dantas, advogado no fôro da Laguna.

CURIOSIDADE ARITHMETICA

II

(Continuação do n. 92)

Convem todavia observar que, quando se opera exclusivamente por addições, o resto (quando ha) proveniente da divisão da ultima somma pelo divisor, é o mesmo da divisão directa do numero dado; quando, porém, se opera por subtrações, o resto da divisão da ultima differença, na maioria dos casos, não é o mesmo da divisão directa do numero dado. Assim, no ultimo exemplo, o resto da divisão directa de..... 1876874 549 por 17 é 4, e o nosso processo deu 13. Em todo o caso, como o que se procura saber é se o numero é ou não divisivel, e a esta conclusão sempre se chega, qualquer que seja o processo empregado, pouco importa a diversidade dos restos.

Na seguinte taboa estão contemplados só os multiplicadores mais commodos que correspondem aos divisores primos contidos na serie natural de 7 até 97, segundo o numero de algarismos que se queiram separar à direita do numero sobre o qual se experimenta. O signal +, ao alto das columnas, indica que cada multiplicação successiva deve ser feita sobre a *summa* do numero separado à direita com o producto precedente; o signal — indica que a operação deve ser feita sobre a *differença*.

DIVISORES	2 ALG.		3 ALG.		4 ALG.		5 ALG.	
	+	—	+	—	+	—	+	—
7	2	..	..	1	4	3	5	2
11	1	..	..	1	1	..	..	1
13	..	4	..	1	3	..	4	..
17	..	2	..	3	4	..	6	..
19	5	..	..	7	6	..	3	..
23	8	..	11	..	..	5	..	4
29	13	..	14	..	..	5	8	..
31	7	..	8	..	..	13	..	6
37	..	11	1	..	10	..	..	11
41	18	..	19	..	..	4	..	1
43	14	..	11	..	..	19	..	18
47	6	..	13	..	..	11	..	16
53	..	6	..	7	..	17	..	11
59	..	18	..	3	..	30	..	5
61	..	22	24	..	..	4	..	40
67	33	..	..	5	..	5	..	31
71	29	..	6	..	..	11	32	..
73	27	..	..	22	..	1	..	16
79	21	..	..	27	..	33	..	14
83	17	..	4	..	40	..	..	15
89	11	..	21	..	32	..	..	36
97	3	..	30	..	9	..	..	7

III

Vejamos ainda uma simplificação que abrevia muito as operações.

Quando, no numero cuja divisibilidade se procura reconhecer, estão á vista multiplos do divisor, estes multiplos podem ser desde logo supprimidos se occupam as casas extremas á esquerda, ou substituidos por tantos zeros quantos são os seus algarismos, se occupam outros logares no numero.

Queremos, por exemplo saber se o numero 2 665 752 439 é ou não divisivel por 13: n'este numero está em evidencia á esquerda 26 que é um multiplo de 13 (2×13), e logo em seguida 65 que tambem o é (5×13); suprimindo esses quatro algarismos, o numero dado fica reduzido a 752439, mas ainda n'este notamos 52 (4×13 e 39 (3×13), e substituindo estes dois multiplos por zeros, o numero dado fica finalmente reduzido a 700 400.

Se separarmos tres algarismos á direita (caso em que o multiplicador correspondente é 1 e a operação é feita por differença) temos logo

$$\begin{array}{r} 700 \\ - 400 \\ \hline 300 \end{array}$$

Separando agora dois algarismos á direita (caso em que o multiplicador é 4 e a operação ainda é por differença) temos

$$\begin{array}{r} 300 \\ - 4 \\ \hline 12 \end{array}$$

e como nada ha a subtrahir, visto que os algarismos separados são zeros, consideraremos 12 como ultimo resultado, e concluimos que o numero dado não é divisivel por 13.

ERRATA

Na 2ª parte deste artigo, publicado no numero passado, sahiu um engano que nos apressamos a corrigir: na 10ª linha, a contar de baixo, onde se lê

$$(pois 75=4 \times 17 \times 7)$$

leia-se

$$(pois 75=4 \times 17 + 7)$$

28 de Julho

O doente agonisa.

De quando em vez um soluço quebra o silencio profundo, que reina na alcova.

Esse soluço parte do peito da esposa, que vê n'aquella agonia o arrebatamento de seu esposo amante, a viuvez da alma.

Seus filhos cercam o leito do moribundo pedindo a Deus, em suas preces, alivio, vida, para o melhor dos Pais...

E o doente agonisa...

Do lado do oriente vem surgindo a claridade morna, precursora do crepusculo matulino.

Já se nota as tintas vivas, alegres, que annunciam o despertar da aurora.

O agonisante estremece, solta um gemido e com esse gemido o Anjo da Morte arranca-lhe o ultimo alento da vida!

Meu Pai morrera!...

A Parca inclemente ferira-nos o coração—aos risos da alvorada—como uma irquia ás nossas lagrimas, como um sarcasmo á suprema dor produzida pelo golpe que nos vibrara e que envolveu nossa alma no crepe da saudade immorredoura, imperecivel.

Como é triste para nós este dia—marco que assignala o desaparecimento de tantas afeições...

Dacta funesta.

J. G.

UM SONHO!

Que sonho horroroso

P. C. teve ha dias!!

— Sonhou com o diluvio!...

Sentiu agonias

Ao ver seus collegas
Lutando nas vagas,
Subindo, descendo,
Rogando mil pragas;

Sumindo-se uns

Do pego no fundo,

E outros querendo

Formar novo mundo.

E elle, altaneiro,
De leme na mão,
La vai dirigindo
Sua embarcação

Por entre os destroços

Do grão cataclysmas!

Se a cousa elle vê

Por um outro prisma!

Até que por fim
Do monte da Cruz
No cume arranhou
Pagode de truz:

Mas quando provava

Da tal feijoada,

Acorda tremendo.

Com a roupa molhada...

E ri-se, contente,
Porque essa desgraça
Que a tantos ferira...
— De sonho não passa.

M. B.

THEATRO

O grupo «Cruz e Souza» fará uma *reprize*—no dia primeiro de Agosto vindouro—do drama *Jenny ou A honra de minha filha*, que, com grande successo, foi representado no dia 20 do corrente.

O producto deste espectáculo, ao que nos consta, reverterá em beneficio de D. Anna Cardoso de Freitas, que pobre e cega lucta com as maiores difficuldades para obter o pão de cada dia.

O nosso amigo dr. Fernando Caldeira e sua exma. sra. acabam de ser feridos em seus corações de paes extremosos pelo fallecimento de seu filhinho Rogerio.

Amparo às famílias

No dia 21 do corrente foi definitivamente installada a sociedade *Amparo às famílias* sendo eleita a sua directoria, que ficou assim composta:

Presidente, Francisco da Silva Ramos; vice-presidente, Tenente Coronel Innocencio B. Ferraz d'Oliveira; primeiro thesoureiro, Manoel dos Santos Lostada; segundo thesoureiro, José Garrido Portella; primeiro secretario, José do Patrocinio Campos; segundo secretario, Jovita de Castro Gandra; procuradores, Alfredo Stuart, Domingos Prates de Souza, Eduardo Augusto Crespo e Irineo Armando do Livramento.

A ESTAÇÃO

Correspondente a primeira quinzena do corrente mez, temos sobre a meza o n. 13, anno XXX, d'A Estação, importante jornal de modas parizienses, dedicado ás senhoras brasileiras e que com toda a regularidade nos é remetido pelos seus editores os srs. Lavignasse Filho & C^a.

Traz dous figurinos coloridos e excelente parte litteraria.

G. D. Cruz e Souza

Em beneficio da sociedade musical *Amor á Arte*, este grupo dramatico realisou, em a noite de 20 do corrente, um espectáculo, levando á scena o emocionante drama em 3 actos *Jenny ou a honra de minha filha*, e a espirotuosa comedia *O defeito de familia*, cujo desempenho foi feito com toda a correção, sendo por isso os amadores muito applaudidos e chamados á scena nos finais dos actos.

Para o mez de Agosto, o mesmo grupo já tem em ensaios o importante drama em 4 actos—*Os filhos da viuva*.

O nosso conterraneo Luiz Augusto Crespo contractou casamento com a exma. joven d. Jovina Gandra, dilecta filha do cidadão Antonio de Castro Gandra.

ADEUS

A MARIO

Quando a vida é como um lago de cristal, onde a brisa suas aguas socegadas não ondea, nunca frisa, revê sempre a mocidade n'um viver de flicidade, muito embora em soledade, as venturas já passadas.

Porem quando negra nuvem esta vida de afflicção sempre traz a dor incalma enlutando o coração.

não ha pois na natureza, mais encanto, mais belleza que apaguem essa tristeza que se afunda em nossa alma.

Não perguntes pela pobre, pela vida tão dorida, que vegeta lacrimosa e que quer ser esquecida;

não desfaças nos gemidos que por mim foram colhidos em momentos tão queridos n'uma quadra venturosa.

De remedio não preciso.

Para a dor, p'ra minha sorte um socego só almejo anciosa—é a morte! pois quem tem seus bellos dias no gosar das harmonias d'um presente d'alegrias, a desgraça é um gracejo? !...

Francisco.

Balão phantastico

Um balão todo empinado, cheio de gaz e de vento, junto ao caes estava amarrado, sobre um bloco de cimento.

Um apendice—a barquinha, vasia completamente, estava ali a chamar gente p'ra viagem d'esse dia.

Eu tive então uma idea, uma boa inspiração, fazendo soltar o balão... e pulei para a barquinha.

Me vi emfim n'ampidão a navegar pelo ar, sentindo grande emoção, mas emoção de pasmar, vendo toda a cidade virada de pernas ao ar... (e o digo sem *maldade* pois não quero fazer corar as velhas de certa idade).

Uma lufada tremenda quasi me atira da barca; e o balão sempre altaneiro, zombando assim, do pampeiro, fazia-me trocar matraca.

Subio o balão e subia, quasi tocando ao infinito, e eu, apertado dizia: Quem me mandou? Está bonito! Inda se eu fôra o tal *Fall* que em astro-mania é portento, forjava já um instrumento do feitiço de corneta e...so-prava os olhos da lua e o nariz do cometa.

Fazia assim conjecturas, quando do lado do Norte, latego de vento forte fez-me descer das alturas.

O balão vindo de lado assim, com muita preguiça, pelo vento era soprado—como quem enche linguica, e eu todo repimpado bem no centro da barquinha, vinha d'olhos grelados a ver como ella vinha.

Na altura do Taboleiro dei direcção ao balão e disse: Vamos gageiro, vamos andar bem ligeiro, antes que venha o tufão.

N'um abrir e fechar d'olhos fizemos então grande *alto*; deixando aquelles abrolhos, eu já transpunha o Estreito.

Dei de encontro ná barquinha e mandei *cejar á ré*, e por um quasi *nadinho* não me embrulhei na maré.

Passando pelo morro, que ladea o cemiterio, senti fortes solavancos por causa de uns taes barrancos; e não pude ficar serio, vendo a triste figura que eu, tão rapagão, fazia n'aquella altura, se desse de ventas no chão.

Aproei-me p'ra cidade (não sei se nisso houve erro) a ver as bellas Deidades desta formosa Desterro, que já foi Florianópolis nos tempos dos—Avós-nopolis.

Passei tocado do vento, a toque e rufo de caixa, m-da assim tive algum tempo, de apreciar das alturas, bellas cousas e figuras e os bicheiros na Praça.

Pelo lado da Matriz entrei na rua vint'oito (dessa feita inda me lembro) pois, olhem, eu dou um *biscuito* á

FOLHETIM

(52)

Teixeira e Souza

MARIA

A MENINA ROUBADA

versava, e eu nada perdia. Além disto, tínhamos a maior parte dos jornaes, e eu os lia, e sobre elles meditava... De que se admira, sr. juiz? Ah! está morto um grande malvado... Não lhe sirva de pena... está morto, e Deus lhe perdõe... um grande malvado, um extraordinario criminoso, que a justiça deixou sempre viver em paz, porque, além de muito criminoso, era tambem muito vil... eu, porém, serei rigorosamente punido porque matei um grande malvado, e porque tenho uma alma nobre. Isto porém me não admira, porque é tal a corrupção entre nós, que quando queremos elogiar alguém, dizemos que não é o ladrão...

— É verdade! é verdade!...

Isto dizia o juiz de paz, meneando a sua respeitavel cabeça quasi toda coberta de cabellos brancos; e depois, fitando o joven, disse-lhe:

— Mas, meu filho, que idade tem?

— Não sei ao certo, sr. juiz; mas penso que já fiz dezoito annos...

— Ah! dezoito annos? dezoito annos!...

O juiz de paz, soltando um suspiro, e fazendo es o exclamação, não pôde continuar, que o pranto soffocou-lhe a voz.

— O sr. juiz de paz chora? porque, meu senhor? disse o mancebo, chegando-se ao juiz, e tomando-lhe respeitosa a mão. Porque chora? tornou elle a perguntar.

— Compadecido de tanta candura, e mocidade!

— Senhor... perdão... mas eu não quero compaixão, quero justiça...

— E justiça será feita, ainda que esta justiça despedace o meu coração... Mequinho... Não sei porque vos amo?! Perdoae-me este tratamento... tenho idade para ser vosso pae, e sinto por vós o que nunca senti na minha vida... Não sei porque vos amo!

— Porque talvez é pae, e tem bom coração...

— Ah! meu filho!

— Pois bem, senhor! Não fique prejudicada a justiça da terra e me chame seu filho... Tambem eu não sei porque sinto prazer em ouvir essa palavra. Quanto a pronuncia, ella cae em meu peito transformada em um bálsamo de celeste consolação! Sou criminoso, e no entanto eu me sinto feliz neste momento! Tambem choro... Oh! pensei que na minha idade se não chorava de prazer e de ternura!... Mas ah! conheço a razão de minhas lagrimas: é porque não está diante de mim o homem da lei, severo, terrivel e implacavel; mas sim o homem da natureza, o amigo da humanidade, o ser que tem entranhas de pae! Obrigado, meu Deus! como me são caras as lagrimas que verto, e as que faço verter!

— Mas, meu filho, sendo vós tão moço, e me

parecendo tão bom; que motivo tiveste para commetter um as-assino?

— Senhor, para que eu pudesse dar uma razão plausivel do meu procedimento, era mi ter contar-lhe uma historia longa, fastidiosa e talvez sem o menor interesse para v. s.

— Não importa, eu a ouvirei. Póde essa historia justificar o seu procedimento, ou ao menos, minorar a intensidade do que por era me parece um crime!

— Eu o creio, senhor.

— Pois, meu filho, conta-me a vossa historia.

— Com uma condição...

— Qual é?

— Que me ha de jurar um inviolavel segredo sobre o que me é particular. V. s. poderá no meu processo dizer quanto quizer do que declarar á cerca do procedimento do sr. Estevão havido commigo nesta casa; mas sobre o que me é particular, v. s. jura á segredo.

— Juro-o pelo Santo Nome de Deus.

— Obrigado. Agora cumprime declarar-lhe que não era de minha intenção revelar a pessoa alguma estes segredos, e só, sim o que diz respeito a mim e ao sr. Esteves, acontecido esta noite; mas v. s. adquiriu tal imperio em meu coração, que com elle attrahiu toda a minha confiança. Si, sem saber dos motivos do meu procedimento, deu algumas lagrimas á minha desgraça, estou certo que os sabendo talvez me louve. Aconteça o que acontecer, será para mim uma bem doce consolação a lembrança de

quem por ali passar, se não munir-se de endro e o nariz não tapar.

Além passava um fiscal, eu quiz chamal-o á ordem, isto é, á *desordem* desta bella capital, onde ha fiscoes d'olhos nus que delegão certos poderes nos fiscoes urubús.

Transportei-me n'um momento para as bandas do Areião, de passagem oh ! portento ! eu tive um grande alegrão por ver passar triumphante o debil amigo Bomfante.

Passar bem, lhe quiz dizer, mas, o balão se enlaçando nos bambús do jardim, aos poucos foi parando até que parou por fim.

Deitei a ancora á baixo e fiquei alliviado. Respirei... assim eu faço quando não estou apertado.

Uma vez lyre do tombo, eu, seguro e sosegado, examinei se havia rombo ou se o balão estava rachado; e certo que de novo nada mais podia haver, ali fiquei uns instantes á ver o que não via d'antes.

Vi o Firmino n'Alfandega a dedilhar sua lyra, n'uma quadrinha bem pandega, guarneecida de saphira, de rubi e de turquesa, p'ra dar á luz com certeza no *Sul* de terça-feira.

Vi passar o Sufi Junior, (o mestre na Astronomia) que estuda noite e dia os arcanos de outros mundos p'ra os revelar com sciencias, em seus artigos de fundo, no *Sul-Americano*.

Depois eu vi, que sei eu ? Um alluvião de creanças que do progresso ellas são — as mais bellas esperanças — paradas boquiabertas, e qual d'ellas a mais experta, a *saber que bicho deu*.

Vi o nosso Chico d'Assis (com seus amigos *trocando*) bons artigos escrevendo e tambem — Santos vendendo, quero dizer, *trocando*.

Vi um palacio, de fama, e o logar do velho mercado; este cheio de gramma e áquelle sem ser pintado.

Alem, perto da praia, se ostentava o trapiche de pernas tortas, cambaia e mascarado de pixe.

Bem pertinho do edificio onde ha, um Tribunal, muitos eram os Simplicios, que fallavão bem e mal, um caso, unico, novo. A rua estava n'um ovo; havia de tudo ali: homens pacatos, sisudos, mulheres, muitos rapazes e uns tantos abelhudos...mas, lá não estava o Sufi.

Sem saber o que aquillo era, dizia então um sujeito: Quem poderá atinar ! E' uma enorme charada, que, só será decifrada pelo — *Habeas-corpus* — Conceito.

Alem, vi certa Pessoa recitando madrigaes, na lyra que não destoa os rodapés dos jornaes

Vi passar, todo apressado, glosando os mottes do «Sul», o Jaguaré inspirado, de braço dado ao Raul.

Depois seguia a phalange dos prosadores de fama. Silêncio !... Passa uma Dama, é Semiramis, a poetisa, a Musa que synthesisa o talento, a inspiração. E' ella que internee a alma e nos falla ao coração.

Matizem as ruas de flores que vem surgindo, outro astro; de Brazilia Silva — os tulgores — quem lhe póde seguir o rastro ? Cantando o ceu, as estrellas, em estrophes d'ouro bellas, nos enleva em idealismo ás regiões do lyrisimo.

Vieillot, sem ser a Rosa que no proscenio cantava arias de funda tristeza, eu vejo passar, orgulhosa, cantando bem amorosa — romances da natureza.

Eu vejo ainda Petrarcha, o F. C. e o Dante, (este que segue adiante, com o Mario, rival de Sylla) todos na lyra cantando, marchando em uma só fila.

De arma prompta com a mira a levantar a perdis, ahí vem o Augusto Lyra, descrevendo as caçadas, numa lista *recheada* das caças que então matou e alguma mais que *escapou*...

Vi, por fim o Adolpho Mello, sagrado por toda a parte, como rival de Bellini, escrever com muita arte, correcção e muito tino a sua pequena (?) arte da expressão do violino.

Quiz alongar mais a vista, e alar-me de novo eu quiz. Do progresso, a conquista, queria eu ver em Paris.

Quiz ver um povo inteiro a saudar um Brasileiro por seo invento feliz.

Tentei um esforço, em vão... a barquinha meia adornada mostrava o fim da jornada do meu querido balão... de facto, o drama era horrendo: eu via nuvens correndo em toda a direcção... fugindo, atropeladas pelo valente tufão. Estava o mar encrespado e ao longe rugia o trovão.

Crusavão-se os raios no espaço, succediam-se os fuzis e eu via a cada passo que dava em *vasa barris*.

Fechei os olhos, transido, de muito susto e... de medo, e fiquei assim — *mudo e queto*, p'ra não ver o *brinqueto*, da electricidade em acção.

Por fim eu fui despertado por um grande trambullhão...

era eu que cahia em *chão a beijar* o duro chão...

e assim achei um bom meio de acabar como balão.

A. G.L.

CURIOSO PARALLELO

E' muito curioso o seguinte paralelo, feito por Felix Piat, entre as capitães francezas e inglezas :

Pariz é *direito*. Londres é *canhoto*; o cocheiro parizense guia á direita, o de Londres á esquerda: o primeiro colloca-se na frente do vehiculo, o segundo á retaguarda; Pariz é compacta, Londres é dispersa; Pariz augmenta por absorpção, Londres por expansão; Pariz edifica com pedras, Londres com tijolos; Pariz tem casas altas e ruas estreitas; Londres ruas largas e casas baixas; Pariz tem janellas de portadas, Londres janellas de correr; as persianas em Pariz estão lado de fora, em Londres do lado de dentro; Pariz é collectivista, residindo em casas que são quarteis. Londres é individualista, tendo cada familia a sua casa; Pariz tem o seu porteiro, Londres a sua chave; Pariz pronuncia «cacão», Londres «cocoão»; Pariz deixa a cama logo de manhã e que está posta junto á parede, Londres deixa o leito muito mais tarde e que está collocado no meio do quarto; Pariz come pouco, Londres muito; Londres diz Voltaire, possui 100 religiões e um unico molho, Pariz tem 00 molhos e nem uma religião; Londres serve-se d'um garto de tres dentes, Pariz d'um de 4; Pariz é alegre, Londres é taciturno; Pariz passeia, Londres corre; Pariz tem poucos soldados, Londres tem muitos; o soldado parisiense traz farda azul e calças vermelhas, o londrino usa farda vermelha e calças azues; em Pariz os padres celebram casamentos, em Londres casam-se elles mesmos; em Pariz as mulheres casadas são livres, em Londres deixam de o ser; Pariz tem mais suicidas, Londres mais homicidas; Pariz trabalha, Londres trafica; em Pariz a rapaziada bate-se a pontapé, em Londres a murraca; o proletariado parisiense chama á casa de prego «minha tia», o proletariado londrino chama ao monte-pio «meu tio».

JUBILEO

Hoje, ás 11 horas da manhã, após a missa conventual sairá da igreja matriz a procissão de penitencia, que percorrerá todas as igrejas da capital.

PARNASO

NOTE

O sol nasce para todos

Recebemos as seguintes

GLOSAS

Vejo-te sempre, Francina, com esses tristonhos modos ! No entanto, ó triste bonina, — *o sol nasce para todos !* Deixa que o sol bemfazejo, e que da brisa o bafejo t'enxuguem o rocio da dor, pois a brisa vem dos Céos, e o sol — benção de Deus — a todos dá seu calor !

— Brasília Silva.

O sol, que illumina os lodos, As aguas, o valle, o monte; De luz e de vida fonte, *O sol nasce para todos.* O rei da luz grandioso, Como um rei victorioso,

Vastos dominios percorre ! Todos vem-lhe a mesma face ! O sol para todos nasce; O sol para todos morre !

A. P.

Embora a cubrão de apodos, a virtude é tão brilhante, como fulvo — radiante — *O sol nasce para todos.* Si o astro rei nos espaços, erguendo os immensos braços, em magestosa oração, vem altivo do oriente, a virtude é resplendente com seu fulgido clarão.

Dante

Derramando luz a rodos P'ra dar vida á criação, Pompeando n'amplidão, *O sol nasce para todos.* A' rosa dá o matiz. O brilho ao candido 'tiz. Que no fresco valle cresce, A' natureza o esplendor, Aos viventes o calor; Mas a todos não aquece.

Petrarcha.

Para o proximo numero temos o seguinte

NOTE

Não ha riqueza no mundo

INDICADOR

Geleá Vermifuga

DE

ELYSEU & FILHO

O unico especifico que expelle, sem necessidade de outro purgativo todos os vermes, lombrigas, etc.

Manipulado especialmente para o organismo debil das crianças.

GARANTIMOS A SUA EFFICACIA

A' venda unicamente na

PHARMACIA E DROGARIA

ELYSEU & FILHO

DESTERRO

ROMANCES

A 1\$000,0 VOLUME

A Sonata de Kreutzer.	Romeu e Julieta.
As mansardas de Paris, 2 vols.	Historia de um beijo Diva.
O Moço Loiro, 2 vols.	Cinco minutos-A viuva
Dama das Camélias.	Iracema.
O jogador.	Tristeza a beira mar.
Dous amores, 2 vols.	Ubirajara.
O Grande Industrial.	Pata da gazella.
Paulo e Virginia.	Luciola.

A' venda no

GABINETE SUL-AMERICANO

PILULAS PURGATIVAS

(Oleo de ricino composto)

ELYSEU & FILHO

AS UNICAS QUE NÃO PROVOCAM COLICA

Para o seu uso não necessita resguardo

Duzia . . . 4\$000 | Vidro . . . 500

PHARMACIA E DROGARIA

Elyseu & Filho

DESTERRO

VERTIGENS E TONTURAS — *Pilulas de Raul*